

NOME: DOUGLAS TOMÁCIO

TÍTULO: SOBRE UM MODELAR PUPILLO IMPERIAL: HISTÓRIAS DE PERMANÊNCIAS E MUDANÇAS NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA ATRAVÉS DO DISCURSO LITERÁRIO

AUTORES: DOUGLAS TOMÁCIO, DOUGLAS TOMÁCIO

AGÊNCIA FINANCIADORA (se houver): CAPES

PALAVRA CHAVE: História da Educação, Cultura escolar, CPII, Pedro Nava.

RESUMO

Neste trabalho, empreendemos um estudo em torno da história da educação nos inícios do século XX, entre 1916 e 1921, no interior do Colégio Pedro II (CPII), localizado no Rio de Janeiro. Para tanto, utilizamo-nos dos escritos de Pedro Nava, memorialista a oferecer-nos importantes relatos sobre os processos educativos engendrados na supracitada instituição. Por sua narrativa literária tangenciando o "verossímil", fruto da opção pelo escrito de memórias, e por considerarmos o fato de ser ela embebida da realidade que a circunscreve, a fonte neste trabalho utilizada, histórica, literária, foi analisada sob seus aspectos intrínsecos e extrínsecos.

Em um contexto há pouco republicano, evidencia-se uma escola que, modelar, constituía-se signo do tradicional e do transformador, concomitantemente. Em seu singular universo, constatamos a produção de uma cultura escolar própria que homogeneizava, impunha-se, (des)formava os sujeitos e era por eles (des)formada.

Para a pesquisa, além dos textos naveanos, lançamo-nos mão de alguns pensadores e conceitos norteadores. Primeiramente, atemo-nos na discussão acerca da utilização da literatura enquanto ferramenta na construção da historiografia. Nesse sentido, nos embasamos em Galvão (1998) e Pesavento (2004), autoras para quem a literatura é fruto de um processo social e apresenta propriedades específicas que, interrogadas e analisadas, configuram um caminho de renovação teórica, metodológica e disciplinar no campo da história, esta, ao fim, é escrita não a partir de uma realidade, mas, sim, das interpretações que épocas sucessivas puderam construir dessa realidade.

Nisso atentos, captamos, sob os filtros do memorialista, a forma de pensar naquele mundo do CPII. Essas lembranças, entretanto, são apenas parte de um universo, que se apresenta em suas (in)completudes. Por isso, nos detemos na discussão de Villaça (2000) acerca do estatuto necessariamente lacunar e fragmentário da memória, que supõe como origem a também inevitável amnésia.

Dentre outros conceitos a nos fundamentarem, ressaltamos ainda um que se fez fundamental na execução da pesquisa: cultura escolar. Singular em cada espaço em que se manifesta, buscamos suporte em Cunha Júnior (2008:13), que a compreende como "um conjunto de teorias, princípios, normas e práticas sedimentadas ao largo do tempo no seio das instituições educativas".

Os estudos têm revelado que, desde a fundação, o CPII nascia como representante de "uma instrução secundária abrangente e distintiva, própria aos filhos da elite, jovens que, no futuro, após passarem pelas Academias Superiores, poderiam ocupar o mundo do governo [...]" (CUNHA JÚNIOR, 2008:23). Este local de mestres ilustres e de alunos de igual feito, desses "[...] garotos usando os nomes com trezentos, duzentos, cem anos de nossa história – nomes da Colônia, do Império, da República – que eles iam passar adiante. Mas que estavam ali, igualados, nas carteiras [...]" (NAVA, 2001:53), agora em tempos republicanos, militarizava-se, algo percebido desde os símbolos nos degraus das escadas, até aqueles presentes nos cadernos dos estudantes. A República se anunciava pelos quadros, pelas pinturas, como que naquelas dos retratos dos "[...] Presidentes da República e dos ministros da Justiça. Nunca esquecerei as fisionomias [...]" (NAVA, 2001:36). Era a busca de se firmar o novo tempo, de recrudescê-lo e difundi-lo em seus valores e princípios; era a memória a ser lembrada e a outra a ser esquecida (ainda que dialogassem), conforme Cardoso (2013). O espaço na afirmação simbólica.

Os mestres, já no discurso de fundação, ali sabiam estar para "não só ensinar a seus Alunos as Letras, e as Ciências, na parte que lhes competir, como também, quando se oferecer ocasião, lembrar-lhes seus deveres para com Deus, para com seus Pais, Patria, e Governo" Cunha Júnior (2002:32). Ainda que os deveres com Deus tivessem perdido a força, pela significativa influência dos ventos positivistas, o mesmo não se podia dizer do dever para com os pais e a pátria. E, nesse intuito, a eles quase tudo era permitido: o controle pelos zeros, pelos castigos físicos, pelas alcunhas ofensivas, pelo aprisionamento desmedido no internato. Por esses meios, se selecionava que alunos eram os bons, dignos dos "bancos de honra", um ensino pautado na meritocracia, nas recompensas, na clara hierarquização. Paulatinamente, forjava-se e empoderava-se uma cultura escolar própria.

Assim surgiram os alunos "cabeceiras", os compensados que, no jogo do medo e dos privilégios do posto advindo, aceitavam o posto de "aristocracia discente". Apesar destes, como no caso dos docentes, havia os que resistiam. Figuras a usar o tempo de estudo de modo livre, libertador: como o estudo de Camões, a composição de sonetos...contraditório espaço escolar...Mas, talvez, nem tanto, afinal não faltavam os momentos de estudos "aos livrinhos de putaria" (NAVA, 2001:43).

Aliançado com a pátria e os novos desígnios desta, tendo em seu interior profissionais a corroborar com os anseios da elite nacional, lançando-se mão do espaço físico como instrumento também formativo a reforçar o mérito, a hierarquia, os valores "necessários", o CPII constituiu-se de modo destacado no cenário brasileiro. A instituição, forjando sua cultura própria, legitimou identidades e fez-se modelar, ainda que em proporção muito aquém do planejado.

Enfim, através da investigação, percebemos que o "modelar" CPII, em seus tempos imperiais e republicanos, constituiu-se como importante produtor e produto da realidade em que se inseria, fazendo-se notável, e inspirador, no cenário educativo brasileiro, ainda que basilado estivesse em um processo educativo descrito por constantes apelos à ordem, à moral, à supremacia masculina, ao castigo dos corpos, à desconsideração dos anseios discentes; elementos que, embora comuns em outros espaços, configuravam-se de modo singular na cultura escolar ali (des)construída cotidianamente nos processos de aceitação e resistência.